

VALE DE RODRIGO. PROJECTO INTERDISCIPLINAR PARA A INVESTIGAÇÃO DO MEGALITISMO NUMA REGIÃO DO SUL DE PORTUGAL

por

Philine Kalb e Martin Höck

Resumo: O *Dolmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo* ocupa desde 1944 um lugar importante na discussão teórica do megalitismo. O projecto visa o espaço em que os monumentos se inserem, e onde existem numerosas antas, alguns menhirs e cromlechs. Procede-se à prospekção “tradicional”, ao levantamento rigoroso de estruturas visíveis, à escavação em dois monumentos, e a prospekções geofísicas e geológicas.

Alguns resultados, no estado actual dos trabalhos: As mamoaas de Vale de Rodrigo 2 e 3 são maiores em diâmetro e melhor conservados em altura, do que indicam Georg e Vera Leisner; Vale de Rodrigo 1, 2 e 3 apresentam circunferências de pedras. A escavação em Vale de Rodrigo 3 revelou um horizonte de utilização inferior à mamoa, mas contemporâneo a um momento ou período em que os esteios da câmara megalítica já se encontravam erguidos. Em Vale de Rodrigo 2, há indícios claros de tumulações com placas de xisto gravadas, no exterior da entrada para a câmara, quando este acesso já se encontrava tapado, e indícios de uma utilização posterior da câmara, possivelmente na Idade do Bronze. Da prospekção geológica resulta o conhecimento de que os blocos megalíticos que constituem os monumentos de Vale de Rodrigo procedem de jazidas naturais a 2, 7 e 10 km de distância, muito superior àquela que separa os monumentos entre si.

Palavras-chave: Megalitismo. Geociências. Arqueologia espacial.

1. INTRODUÇÃO

Ponto de partida para o nosso projecto foi a utilidade de dados novos para a discussão teórica do megalitismo. Incidindo, nos últimos anos, muitos trabalhos de campo no Norte de Portugal, pareceu-nos indicado procurar dados novos também no Alentejo, tanto mais que uma parte significativa das teorias em discussão foi elaborada a partir de contextos daquela zona; lembremos como exemplo a publicação dos Leisner sobre as Antas de Reguengos de Monsaraz, ainda recentemente reeditada. Veremos porque os monumentos de Vale de Rodrigo e arredores, e o espaço em que se inserem, se nos apresentam como próprios para uma nova observação meticulosa das fontes, com a finalidade de as confrontar com diversos modelos teóricos.

As Antas de Vale de Rodrigo (Fig. 1) situam-se numa paisagem “tradicional”, em grande parte não tocada por processos de revolvimento profundo, o que é importante para a reconstrução do paleoambiente e a preservação das estruturas arqueológicas. Os quatro monumentos, um deles destruído mas perfeitamente localizado, encontram-se entre duas linhas de água. São visíveis entre si e intervalados por distâncias de 800, 500 e 200 m. O terreno, na sua maior parte ainda um montado clássico, continua a ser aproveitado para pastagem e produção de cereais para pasto. É de salientar a abundância de água em todos os poços existentes nos arredores dos monumentos; mesmo durante as secas consecutivas dos últimos anos, nenhum deles secou. À distância de poucos quilómetros, deparamos com outros sepulcros megalíticos, em parte nitidamente mais pequenos que Vale de Rodrigo 1-3, em parte de uma monumentalidade comparável ou até maior.

Existem algumas minas abandonadas. Uma, situada na Herdade do Montinho de Corta-Braços, apresenta um minério de cobre com um teor superior a 30%, aproveitável mesmo com métodos primitivos; um percutor que aí encontramos, talvez indicie uma exploração prerromana. Da Mina da Nogueirinha (DOMERGUE 1987, p. 518), a 6 km em direcção noroeste, existe, no MNA, um machado plano de cobre (MONTEAGUDO 1977, p. 12. 44, nº 161), e da Mina dos Monges, na Serra de Monfurado, três machados de pedra e material romano (VASCONCELLOS 1920, p. 88).

A paisagem de Vale de Rodrigo apresenta-se como uma zona naturalmente delimitada, constituindo um território propício para a ocupação humana (aquilo que em alemão chamamos “Siedlungskammer”).

Em Vale de Rodrigo 1 a 4 estão representadas expressões características e diversas do megalitismo: Os monumentos 2 e 3 (Figs. 2 e 3) apresentam câmaras megalíticas, como muitos sepulcros alentejanos; do monumento 4 podemos supor o mesmo; o “Dolmen de falsa cúpola” de Vale de Rodrigo 1 (Fig. 4) apresenta um menhir perto da presumível entrada para o corredor e reúne num só edifício os dois tipos arquitectónicos da tholos e da câmara propriamente megalítica. Eis a razão porquê ocupa um lugar de destaque no trabalho teórico dos Leisner (LEISNER 1944). O ambiente arqueológico em que Vale de Rodrigo se insere, caracteriza-se igualmente por uma grande variedade de monumentos megalíticos, sepulcros como a Tholos do Escoural, a Anta Grande do Zambujeiro, a Anta Pequena do Zambujeiro (já mencionada pelos Leisner), e uma cista megalítica igualmente perto da Anta Grande, cromlechs e menhirs como Almendres ou Vale de Cardo. Temos testemunhos de uma ocupação da zona nas diversas etapas cronológicas que nos interessam para questionarmos o megalitismo: desde a ocupação neolítica, com cerâmica cardial, da Gruta do Escoural, ao Bronze Final da Corôa do Frade, com cerâmica de retícula brunida e uma fíbula de dupla mola, passando pelo povoado fortificado sobranceiro à Gruta do Escoural e o Castelo do

Giraldo. A estes exemplos poderíamos acrescentar muitos, conhecidos há anos, bem como monumentos e estações que vão sendo identificados pelos arqueólogos que actualmente trabalham na zona.

Os trabalhos do nosso projecto são realizados à medida das possibilidades, ou seja, a um ritmo moderado. Seguimos a mesma linha de orientação que seguiríamos com maiores meios materiais: obter o máximo de informação possível por métodos não destructivos, completados por escavações em poucos monumentos.

2. PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

Conhecemos até à data cerca de meia centena de monumentos megalíticos na área de trabalho (Fig. 1), que foi sendo determinada pelos resultados da prospecção geológica. A maior parte dos monumentos já consta do catálogo dos Leisner, sendo alguns deles apenas mencionados ou vagamente descritos (LEISNER 1949; LEISNER/LEISNER 1959), e da Carta Geológica de 1969. Procedemos sistematicamente à sua localização e ao levantamento das suas estruturas visíveis acima do solo. De ca. de 1/4 deles já dispomos de plantas altimétricas das mamoas e terreno circundante à escala 1:100 (exemplos v. Figs. 2-4) e planimétricas das estruturas arquitectónicas à escala 1:20.

O reconhecimento de povoados através de achados de superfície é condicionado pelo tipo de aproveitamento agro-pecuário extensivo, que não implica lavras profundas. Nas imediações das quatro antas de Vale de Rodrigo, não identificámos, até ao momento, nenhum povoado. Um pouco mais longe, existem alguns lugares que, pelo material que deles conhecemos, atribuiríamos a um neolítico ou calcolítico, portanto aquilo que se costuma entender como época "megalítica", e também a épocas posteriores. Sendo o megalitismo a principal motivação científica do projecto, os restantes vestígios arqueológicos na paisagem cultural de Vale de Rodrigo são igualmente registados, incluindo, à medida do possível, os edifícios rurais recentes, quase todos abandonados e em vias de destruição. Para além disso, esta arquitectura rural está, em vários casos, associada de perto a monumentos megalíticos, sendo o exemplo mais bonito talvez o de Casa Branca 1 (Fig. 5).

3. PROSPECÇÃO GEOLÓGICA

Se observarmos a carta geológica 1:50 000 (Folha 40-A, 1969), reparamos que os monumentos de Vale de Rodrigo 1-4, estão situados numa zona de limite entre gnaisses e granodioritos. Na mesma carta vemos, p. e., as localizações da

Anta Grande do Zambujeiro, do grupo de monumentos do Monte do Álamo e do Monte do Barrocal, todos eles situados também em zonas graníticas. Esta localização sugere que a implantação dos monumentos na paisagem ficaria a dever-se à presença do material granítico de construção, o que teria a sua lógica, uma vez que os esteios destes monumentos pesam várias toneladas. As poucas sepulturas megalíticas fora das zonas graníticas (Entre-Águas 1, 2, e 3, a capela da Nossa Senhora do Livramento e a Anta da Torre de Giesteira e outros) seriam as exceções que confirmam a regra. Apesar desta imagem sugestiva, achámos que valeria a pena verificar, de onde procederiam as rochas empregues caso a caso, e Walter Vortisch obteve, na análise geológica dos megálitos, os resultados que vemos (DEHN/KALB/ VORTISCH 1992; VORTISCH no prelo; KALB/HÖCK no prelo).

3.1. As câmaras de Vale de Rodrigo 1-4

A rocha mais frequente é o BIOTITE-TONALITO. Mais raro é o GRANO-DIORITO PORFIRÓIDE, ainda mais raro o BIOTITE-HORNEBLENDA-TONALITO. Para determinar os possíveis locais de procedência, o mapa geológico é indispensável como base de trabalho. No entanto, a experiência mostra, que por si só, não é suficiente.

O GRANITO PORFIRÓIDE salta bem à vista por causa dos grandes cristais de feldspato que contém. Nos arredores de Vale de Rodrigo, esta qualidade de granito não aflora. A sua localização no terreno, consultando o mapa geológico, foi a primeira tarefa. As jazidas naturais mais próximas dos monumentos de Vale de Rodrigo encontram-se a uma distância de 7 a 8 km a norte, perto do Monte do Freixial, e, a 6 km a leste, nos arredores do Monte do Barrocal.

A carta geológica não distingue o BIOTITE-TONALITO do BIOTITE-HORNEBLENDA-TONALITO, ambos GRANO-DIORITOS NÃO-PORFIRÓIDES. Para localizar a provável procedência dos esteios destas rochas, semelhantes mas não iguais, era necessário mais trabalho de campo do que no caso do granodiorito porfiróide. Deste trabalho, confirmado posteriormente pela análise de lâminas delgadas, resultou que a mancha de granodiorito não porfiróide à volta da Nossa Senhora da Tourega, onde se situam os monumentos de Vale de Rodrigo, é constituída por BIOTITE-HORNEBLENDA-TONALITO, precisamente a rocha menos usada na construção dos monumentos. Em contrapartida, a outra mancha, a Oeste, em ambos os lados da Ribeira de São Brissos, no mínimo a 2 kms dos monumentos, é constituída por BIOTITE-TONALITO, ou seja, exactamente pelo material que em Vale de Rodrigo foi preferencialmente empregue.

3.2. A circunferência de pedras de Vale de Rodrigo 3

A classificação de uma amostragem de ca. de 200 pedras evidenciou que o material da circunferência de pedras da mamoa de Vale de Rodrigo 3 é muito diversificado: encontram-se CORNEANAS, QUARTZOS, APLITOS, GNAISSES, alguns GRANITOS, GABBROS etc. Trata-se de rochas, todas elas existentes nos arredores em todas as direcções do monumento. Da sua dispersão, é possível deduzir que as pedras foram trazidas em sacos ou cestos, e despejados conforme chegaram.

3.3. O menhir de Vale de Rodrigo 1

Dentro do espectro de granitos e granodioritos até agora mencionados, não figurava o material do menhir, do monumento 1. Este ano (1993), foi a tarefa principal de Walter Vortisch, localizar a sua provável procedência. Percorreu todas as zonas suspeitas, uma vez que se trata duma pedra isolada, que até podia proceder duma jazida de tamanho reduzido e por isso não referida na carta geológica. Conforme esta carta, existe um GRANITO PORFIRÓIDE de GRÃO GROSSEIRO a MÉDIO, a 10 kms em linha recta de Vale de Rodrigo 1, em direcção sudeste, num alto, chamado Barroco. A prospecção daquele afloramento tão distante confirmou, no entanto, que a rocha ali existente é sem dúvida do mesmo material que o menhir.

3.4. O possível monumento da Malhada de Corta-Braços

Durante o levantamento arquitectónico daquele edifício rural, foi identificada uma lage de GRANITO PORFIRÓIDE, estranha à geologia do local, empregue como soleira da cancela do recinto da malhada. Interpretamo-la como, de momento único, indício de um possível monumento destruído, cujos componentes foram em parte aproveitados para a construção recente, tal como aconteceu em Vale de Rodrigo 4, onde temos o testemunho de quem presenciou a destruição do monumento.

3.5. Os monumentos de Casa Branca 2, Almo de Baixo e Entre-Águas 3

Em cada um destes monumentos, entre os estudados os mais pequenos, identificou-se apenas um único tipo de rocha em todas as pedras observadas. Em

11 monumentos, as pedras empregues procedem de jazidas diferentes, sendo, normalmente, uma delas mais distante.

4. PROSPECÇÃO GEOFÍSICA

Em quatro monumentos, Helmut Becker efectuou prospecções pelo método da resistividade eléctrica. Começámos por Vale de Rodrigo 3 (BECKER, no prelo), onde a forma assimétrica das curvas de nível à volta da câmara visível acima do solo sugeria a eventual existência de uma outra, abaixo da superfície. A prospecção não indicou, neste sítio, nenhuma estrutura pétreo, o que veio a confirmar-se nas escavações. Na periferia da mamoa, as irregularidades na resistividade indicaram uma circunferência de pedras, em forma poligonal (Fig. 6), que entretanto vai aparecendo nos cortes que se vão efectuando.

Na mamoa do “dolmen de falsa cúpola” de Vale de Rodrigo 1, a prospecção pelo mesmo método sugere como hipótese de trabalho uma circunferência em forma de elipse, talvez em duas fases.

5. ESCAVAÇÕES

Escavações estão em curso, em campanhas de cerca de um mês cada ano, em dois monumentos. Em Vale de Rodrigo 2 são executados por Lars Larsson e a sua equipa da Universidade de Lund, que descobriram, na câmara, um enchimento de pedras, ao que parece, intencional e da Idade do Bronze, e, no fundo, divisórias da época da sua construção. Fora da entrada para a câmara, foram evidenciadas possíveis tumulações acompanhadas por placas de xisto e cerâmica “dolménica”, depositadas num momento quando o acesso para o interior já parece estar intencionalmente tapado.

Em Vale de Rodrigo 3, os esteios estavam visíveis acima do solo numa altura de poucos decímetros; a escavação revelou a sua profundidade de ca. de 3 m. Pelo menos os esteios postos à vista não dispunham de nenhuma contrafortagem massiva. Observamos um horizonte de utilização que vai contra o esteio 3. A circunferência de pedras já foi mencionada, será de referir ainda uma camada de barro muito duro, que aparece nos diversos cortes na mamoa e parece ter formado uma carapaça.

6. CONCLUSÕES

Dos levantamentos pormenorizados segue, que as medidas como diâmetro e

altura de mamoados dos monumentos de Vale de Rodrigo, são bastante mais elevadas do que aquelas indicadas pelos Leisner. Cabe pensar, que assim seja igualmente em outros monumentos, o que exige uma verificação caso a caso, antes de tirarmos ulteriores conclusões. Já o levantamento topográfico apontou como possíveis circunferências de pedra em alguns monumentos. Em Vale de Rodrigo 1 e 3 foram evidenciadas muito claramente pela prospecção geofísica, sendo já confirmadas pela escavação em Vale de Rodrigo 2 e 3.

A escavação do monumento 3 e a identificação de fragmentos da pedra de cobertura puseram de parte a hipótese de uma cobertura em falsa cúpula, adiantada pelos Leisner para explicar a, então por eles estimada, altura reduzida dos esteios. Comprovou-se a altura destes últimos com ca. de 3m. Além disso, um dado significativo para a técnica de construção da arquitectura megalítica foi observado: os esteios postos a descoberto não careceram de contrafortagem, nem do apoio estático da mamoad, pelo menos para o lapso de tempo necessário para a formação do horizonte de utilização referido.

As novas prospecções, mesmo numa zona tão intensamente estudada pelos Leisner e coberta por uma cartografia geológica elaborada tendo em muita atenção a Arqueologia, vão transformando a imagem da distribuição espacial dos monumentos: aqueles recentemente identificados não aumentam apenas a densidade de monumentos por km², mas tendem a encher espaços vazios entre os "Grabgruppen". É o caso p. e. do grupo de Vale de Rodrigo, do conhecimento dos Leisner, e dos monumentos de Entre-Águas, marcados na Carta Geológica. Com a identificação do possível monumento da Malhada de Corta-Braços, já não estamos perante grupos claramente separados, mas antes, perante monumentos alinhados numa extensão considerável com as linhas de água. Os monumentos de Casa Branca 2 e Monte da Ponte 2, 3 e 4 integram-se igualmente nesta imagem.

Entendemos que a distância entre as jazidas naturais das rochas e os monumentos onde foram aplicadas definem o raio de acção mínimo de quem os construiu, superior à distância entre os diversos monumentos. Assim sendo, os monumentos de Vale de Rodrigo não teriam um significado territorial no sentido de cada um definir um termo próprio. O raio de acção mínimo assim definido excede igualmente a área que tínhamos, na hipótese de trabalho inicial do projecto, suposto como território natural, comum aos quatro monumentos de Vale de Rodrigo.

Não é só com o reconhecimento daquelas distâncias, que a prospecção geológica contribue com dados novos, e perguntas novas, para a investigação do megalitismo, mas igualmente ao constatar que na maior parte dos monumentos foram empregues rochas diferentes. Não se nos vislumbrando uma razão técnica para a procura de pedras de procedências diversas e a distâncias tão consideráveis, é forçoso pressupor nos autores daquela arquitectura um conhecimento preciso

das rochas. Entendemos igualmente, que teriam um “ideário arquitectónico” consciente, ou pelo menos muito decidido, para aceitarem as dificuldades técnicas e logísticas suplementares do transporte. É de notar o trabalho a mais, em relação aos monumentos erigidos de materia-prima existente no próprio local, onde era preciso “apenas” extrair as pedras e construir uma câmara megalítica e uma ma-moa.

Por impossível que seja deciframos, em última análise, as razões e critérios das sociedades que construíram e utilizaram os monumentos megalíticos, vale a pena insistir na investigação de possíveis causas de uma e outra opção de escolha do material para a sua arquitectura. Uma rápida análise macroscópica de alguns monumentos em outras zonas, indicia-nos claramente que a aplicação de rochas diferentes num mesmo monumento não é um fenómeno local, restrito a Vale de Rodrigo, nem a coexistência de monumentos construídos de vários tipos de rocha com outros de um só¹.

BIBLIOGRAFIA

- VASCONCELLOS 1920. J. L. de V., Ceraunias. *O Archeólogo Português* 25, 1920, 87-93.
- LEISNER 1944. Georg Leisner, O dolmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo. *Biblos* 20, 1944.
- LEISNER 1949. Georg Leisner, *Antas dos Arredores de Évora*. Évora (1949).
- LEISNER 1956. Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen I, 1 Berlin (1956).
- LEISNER 1959. Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen I, 2 . Berlin (1959).
- CARTA GEOLÓGICA 1969. A. Barros e Carvalhosa, A. M. Galopim de Carvalho, C. A. Matos Alves, Henrique Leonor Pina, *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 40-A, Évora* (1969). Lisboa 1969.
- MONTEAGUDO 1977. Luís Monteagudo, *Die Beile auf der Iberischen halbinsel. Prähistorische Bronzefunde Abt. IX, Bd. 6*. München (1977).
- DOMERGUE 1987. Claude Domergue, *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Publications de la Casa de Velazques, Série Archéologie 8. Madrid (1987).
- DEHN/KALB/VORTISCH 1992. Wolfgang Dehn - Philine Kalb - Walter Vortisch, Geologisch-petrographische Untersuchungen an Megalithgräbern Portugals. *Madrider Mitteilungen* 32, 1991 (1992), 1-28.
- KALB/HÖCK (no prelo). Philine Kalb - Martin Höck, Vale de Rodrigo 3, Concelho Évora, Portugal. Vorbericht über die Ausgrabungen 1992. *Madrider Mitteilungen* 35.

¹ Estamos a pensar p. e. na Anta Grande da Comenda da Igreja e outros monumentos na zona de S. Geraldo (Montemor-o-Novo) e Sabugeiro (Arraiolos), em Antas de Pavia (Mora) e em Dolmenes do Crato, estes observados juntamente com Rui Parreira.

- BECKER (no prelo). Helmut Becker, Testmessung zur elektrischen Prospektion eines Megalith-Grabes (Monument 3) in Vale de Rodrigo, Évora, Portugal. *Madridrer Mitteilungen* 35.
- KALB/HÖCK (no prelo). Philine Kalb - Martin Höck, Investigação geológica na zona megalítica de Vale de Rodrigo, Évora. *Actas da III Reunião do Quaternário Ibérico*, Coimbra, 27. Set. -1. Out. 1993.
- KALB/HÖCK (no prelo). Philine Kalb - Martin Höck, Vale de Rodrigo. Un proyecto de investigación interdisciplinar para el estudio de una región megalítica en el Sur e Portugal. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, Vigo 17-20 de Noviembre de 1993.

FICHA TÉCNICA

O projecto de investigação da zona megalítica de Vale de Rodrigo, Concelho de Évora, foi autorizado em 16 de Junio de 1987 (Processo 87/1(137) do IPPC).

Responsáveis:

Philine Kalb, Instituto Arqueológico Alemão, Lisboa; Martin Höck, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Colaboração científica:

Teresa de Almeida, Universidade de Coimbra, (Botânica); Hans-Gerd Bachmann, Hanau, Alemanha, (Arqueometalurgia); Helmut Becker, LDA, München, Alemanha, (Geofísica); Wolfgang Dehn, Universidade de Marburg, Alemanha (Pré-História); Lars Larsson, Universidade de Lund, Suécia, (Pré-História); Teresa Mouga, Universidade de Coimbra, (Botânica); Ulrich Veit, Universidade de Tübingen, Alemanha (Pré-História); Walter Vortisch, Universidade de Leoben, Áustria (Geologia).

Colaboração técnica:

Fernando Artur Gonçalves, (Escavação); Armando Guerreiro, (Topografia, Tratamento de dados gráficos); Marisa Sebolão Nata, (Topografia, Desenho); Artur Ramos (Desenho, Tratamento de dados gráficos); Margarida Saraiva (Desenho); Fernanda Torquato da Silva (Redação e revisão de textos em Português); Maria Diaz (Redação e revisão de textos em Castelhanos).

Apoio financeiro:

Instituto Arqueológico Alemão; Universidade de Lund.

Apoio técnico e logístico:

Dr. Barata Freixo, Montemor-o-Novo; Câmara Municipal de Évora; IPPAR, Évora; Universidade da Beira Interior, Covilhã.

SEPULCROS MEGALÍTICOS MARCADOS NO MAPA (FIG. 1)

Notas:

Com () estão marcados aqueles monumentos que, sendo assinalados pelos Leisner ou na Carta Geológica, até ao momento, não conseguimos verificar no campo. Na localização dos monumentos de Álamo 1 à Álamo 4, a Carta Geológica difere do mapa publicado pelos Leisner. O menhir de Vale de Cardos foi publicado por H. Leonor Pina, nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra 1970 (1971), 160. Est. 5, 8 e nos *Madridrer Mitteilungen* 17, 1976, 19-20 e Fig. 2.

Barrocal 3 parece estar destruído; não é idêntico com (o novo) Barrocal 8. O nº 44, "Outeiro de São Brissos" é uma formação geológica; os Leisner, designando-o como "Monumento Nacional", e ao não dar essa designação à capela da Nossa Senhora do Livramento, parecem fazer alguma confusão.

No Concelho de Évora:

1. Vale de Rodrigo 1, Dolmen de falsa cúpola
2. Vale de Rodrigo 2
3. Vale de Rodrigo 3
4. Vale de Rodrigo 4
- (5.) Vale de Rodrigo
6. Malhada de Corta Braços
7. Entre-Águas 1, Cerro do Burro
8. Entre-Águas 2
9. Entre-Águas 3
- (10.) Entre-Águas
11. Casa Branca 1
12. Casa Branca 2
13. Monte da Ponte 1
14. Monte da Ponte 2
15. Monte da Ponte 3
16. Monte da Ponte 4
17. Albardeiras 1
18. Albardeiras 2
19. Zambujeiro 1, Anta Grande
20. Zambujeiro 2, Anta Pequena
21. Zambujeiro 3, Cista
- (22.) Mitra 1
23. Mitra 2
- (24.) Álamo 1
- (25.) Álamo 2
- (26.) Álamo 3
- (27.) Álamo 4
28. Álamo 5
29. Álamo 6
30. Barrocal 1
31. Barrocal 2
32. Almedões, Barrocal 9
- (33.) Barrocal 3
34. Barrocal 4, Peramanca
35. Barrocal 5, Aguilhon
36. Barrocal 6, Velada de Alamo
37. Barrocal 7, Poço da Velada
38. Barrocal 8
39. Almendres
40. Torre da Giesteira
- (41). Cabanas

No Concelho de Montemor-o-Novo:

42. Herdade da Sala, Tholos de Santiago do Escoural
43. Nossa Senhora do Livramento, Anta-Capela
44. Outeiro de São Brissos
45. Rocha

No Concelho de Viana do Alentejo:

46. Almo de Baixo

Outros monumentos marcados no mapa:

- a. Castelo do Giraldo
- b. Corôa do Frade
- c. Menhir dos Almendres
- d. Cromlech dos Almendres
- e. Menhir de Vale de Cardos

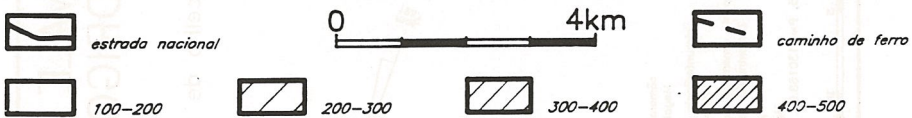
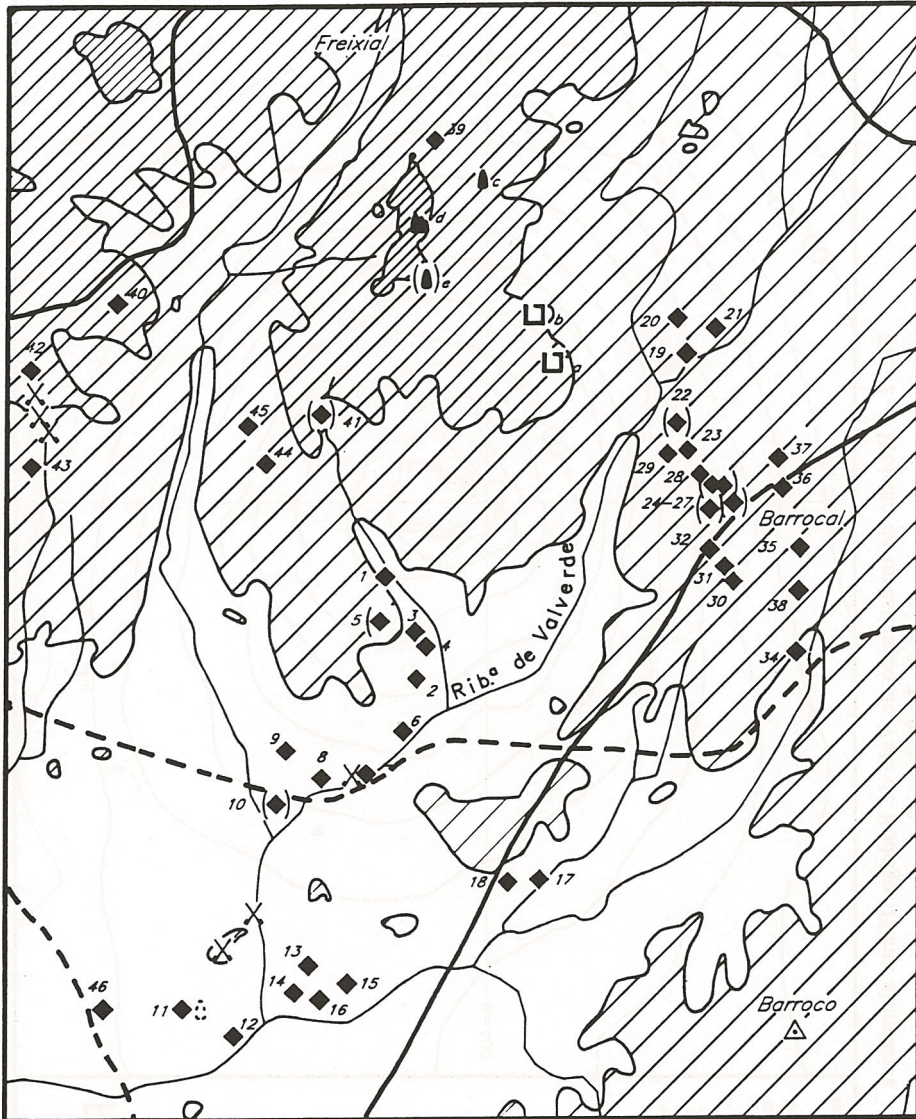


Fig. 1 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Localização dos monumentos (carta desenhada sobre a CMP 1:250 000). Esc. original 1:100 000 (aqui reduzida).

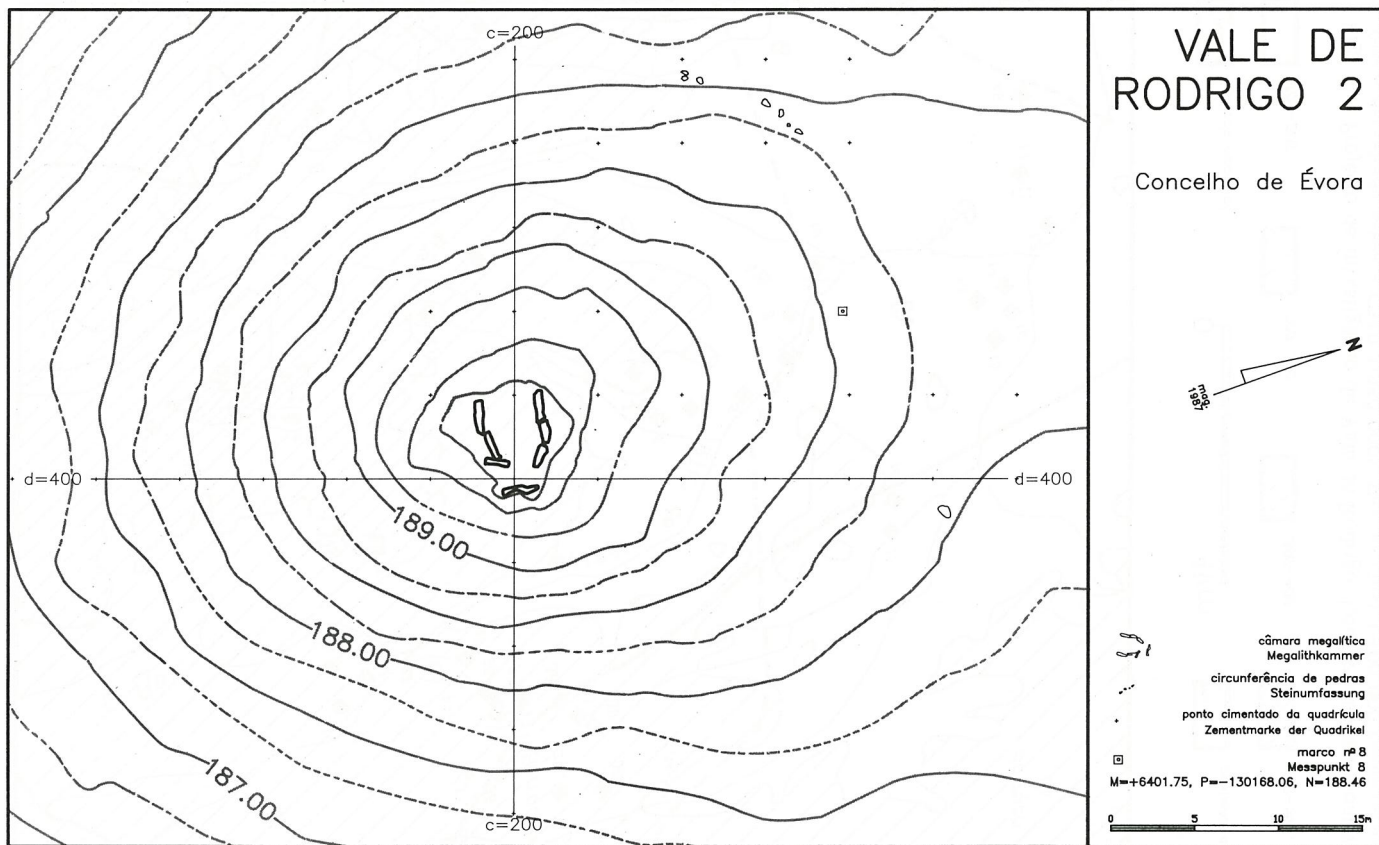


Fig. 2 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Planta altimétrica de Vale de Rodrigo 2.

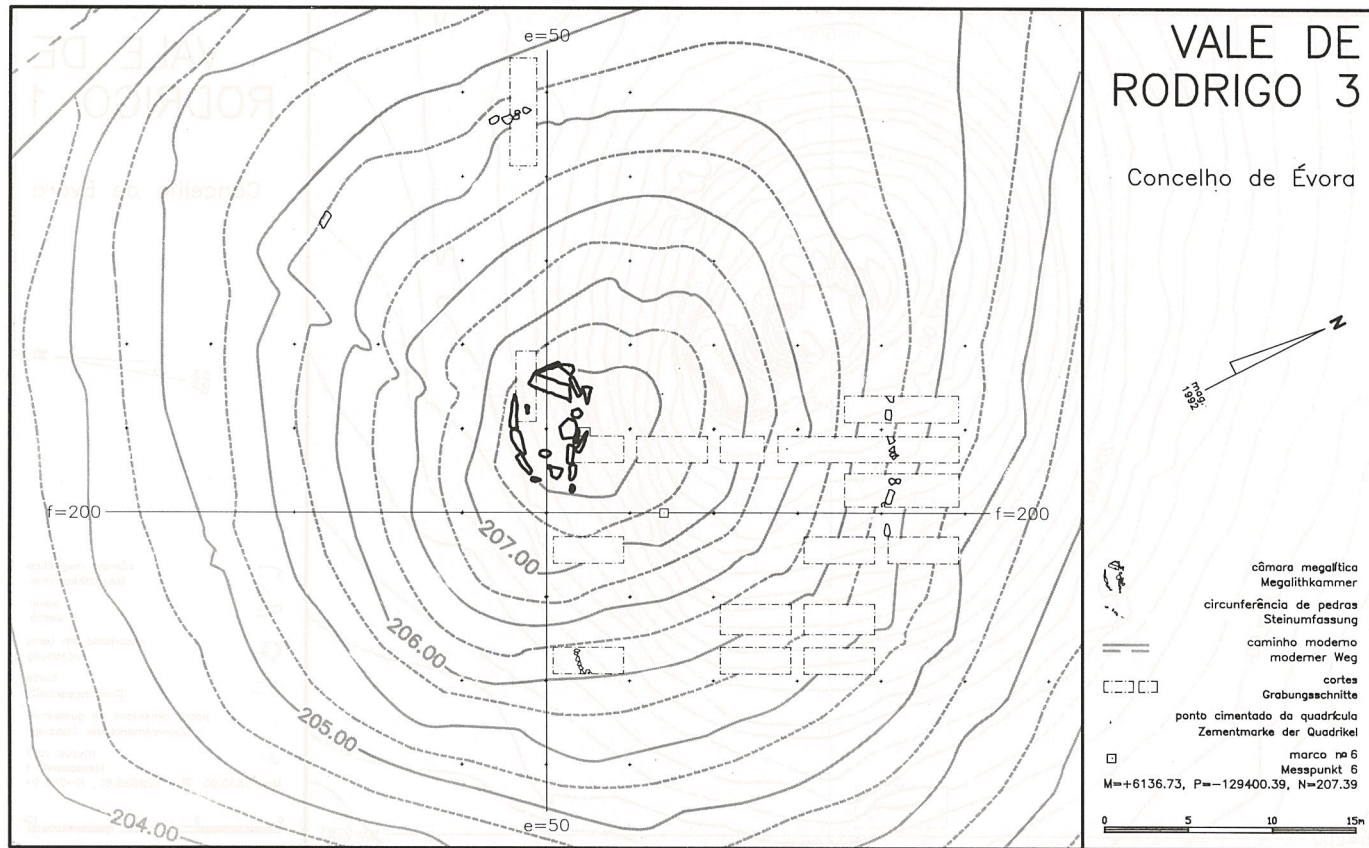


Fig. 3 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Planta altimétrica de Vale de Rodrigo 3.

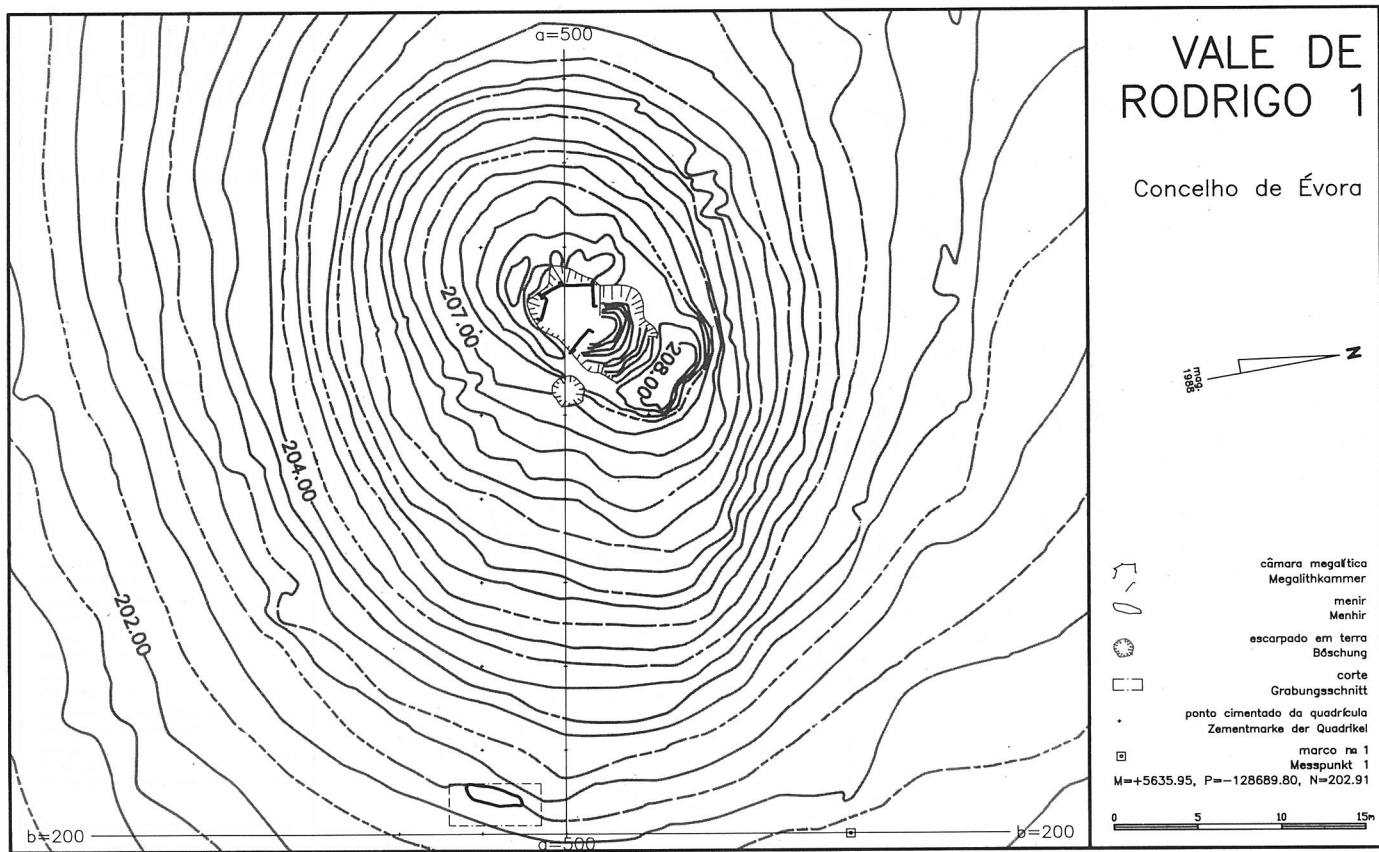


Fig. 4 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Planta altimétrica de Vale de Rodrigo 1.

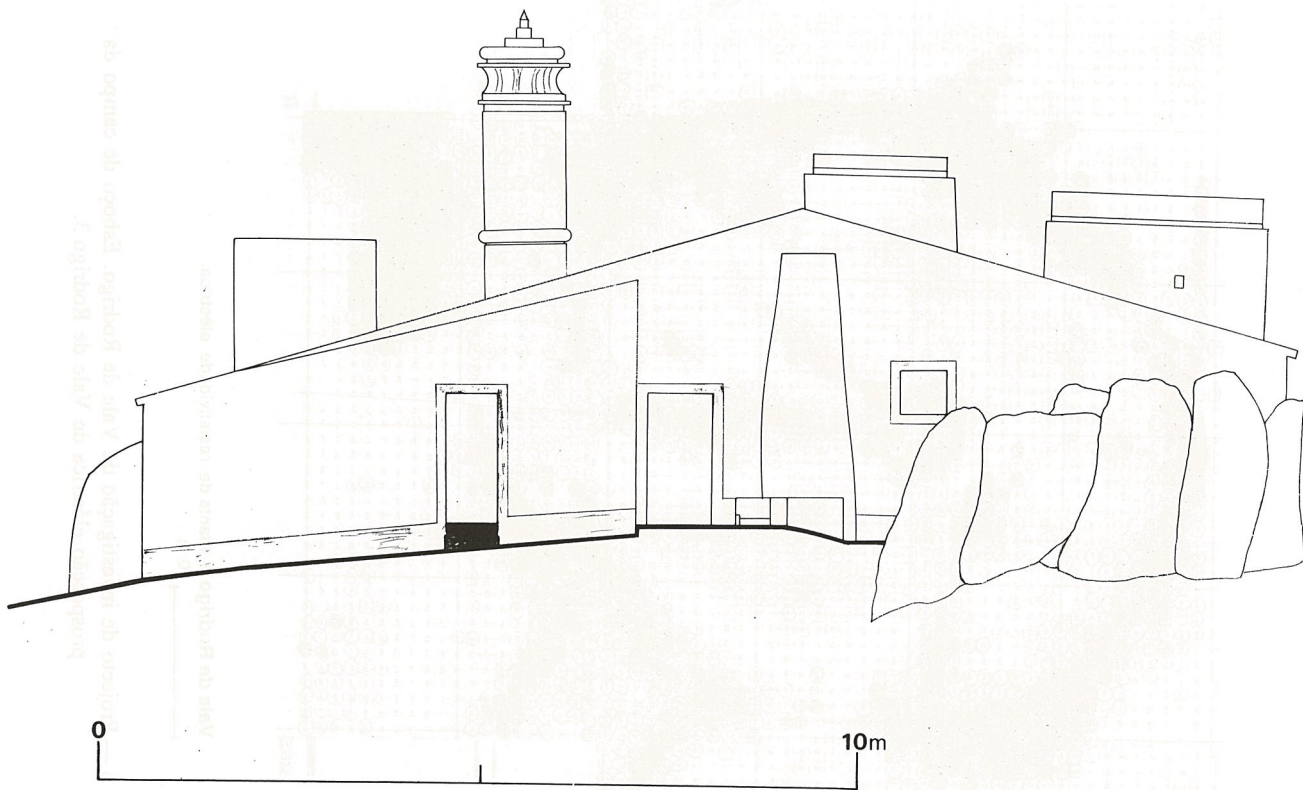
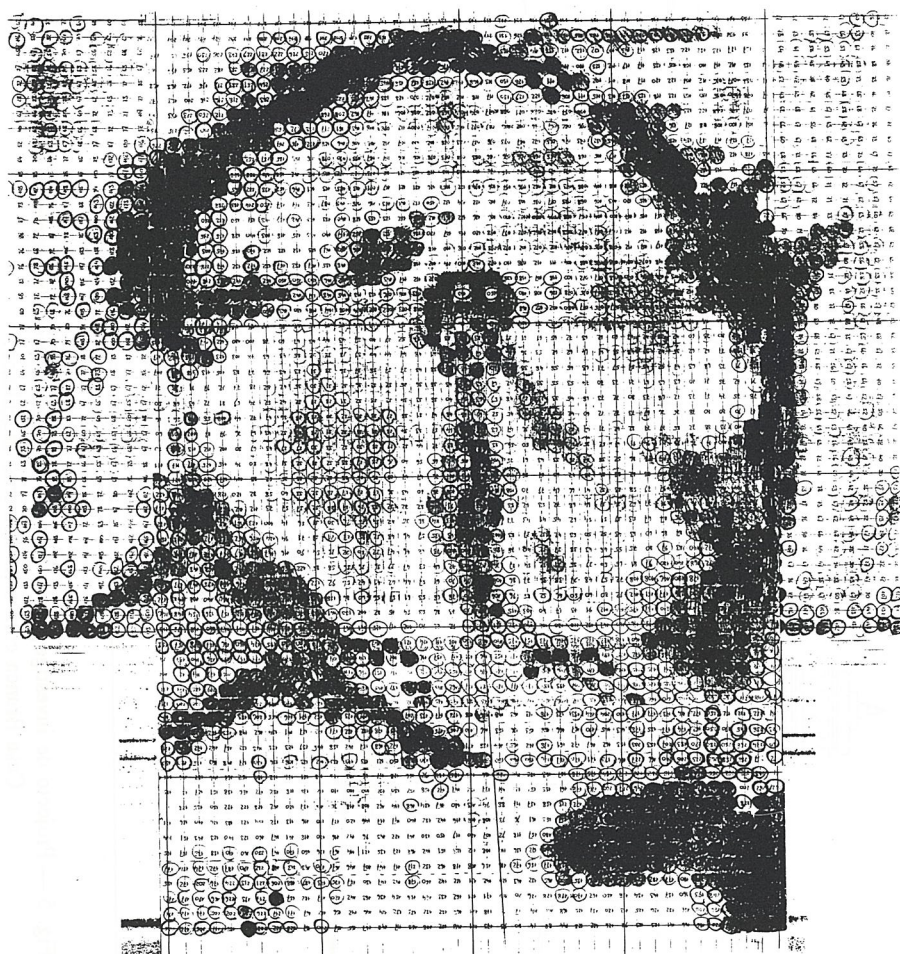


Fig. 5 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Alçado do Monte de Casa Branca com o monumento megalítico.



Vale de Rodrigo 3, Planta de resistividade eléctrica.

10 m

Fig. 6 — Projecto de investigação de Vale de Rodrigo. Esboço de campo da prospecção eléctrica de Vale de Rodrigo 3.